

## A QUESTÃO DO ESTRANGEIRO EM PAUL RICOEUR<sup>1</sup>

### THE QUESTION OF FOREIGNER IN PAUL RICOEUR

Weberson Fernandes Grizoste\*

**Resumo:** Este ensaio analisa a questão da tradução, a visão sobre a língua do homem estrangeiro. O trabalho está separado em duas etapas, ambas baseadas em pressupostos analisados por Paul Ricoeur, primeiro buscando entender a tradução como um ato de hospitalidade e posteriormente é feita uma análise da narrativa como mediação do lado estrangeiro da vida.

**Palavras-chave:** Tradução; Estrangeiro; Hospitalidade; Língua.

**Abstract:** This essay study the question of translation, the vision about the foreigner men and his language. This work's separated in two places, both based on presuppositions analysed by Paul Ricoeur, the first trying to understand the translation like a act of hospitality and posteriorly one analyse is done of the narrative like a mediation of foreign behalf of the life.

**Keywords:** Translation; Foreigner; Hospitality; Language.

### Introdução

Acreditamos que a narrativa por se tratar de elemento simbólico para compreensão da vida, torna-se um artefato de relevância para compreensão do estrangeiro. Daí encontraremos a necessidade de traduzir aquilo que está disposto nos livros estrangeiros. Mas o ato de tradução não é meramente uma transcrição de um

---

<sup>1</sup> Artigo escrito para a disciplina de Hermenêutica e Narrativa durante o curso de Mestrado em Poética e Hermenêutica (Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra: Setembro de 2008).

\* Professor de Latim e Estudos Clássicos do Centro de Estudos Superiores de Parintins da Universidade do Estado do Amazonas. Possui Licenciatura Plena em Letras portuguesa e inglesa pela Universidade do Estado de Mato Grosso (2006); é Mestre (2009) e Doutor (2014) em Poética e Hermenêutica pela Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra – Portugal. É Membro do Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos (Coimbra) desde 2008, e do Núcleo de Investigação da Cultura e Educação do Baixo-Amazonas (Parintins), e do Centro de Estudos João Calvino (São Luís – MA). Possui uma Bolsa de Doutorado financiada pela Fundação para a Ciência e Tecnologia de Portugal entre 2010 e 2013. É autor de quatro obras e diversos artigos publicados na Argentina, Brasil, Dinamarca e Portugal, as obras são, como, por exemplo, *Jaracatiá*, São Paulo, Ixtlan, 2013.

idioma para outro. Há nesse ato uma problemática quanto à fidelidade daquilo que está disposto, tal como julgam os críticos à cinematografia quanto à adaptação de obras literárias. Ricoeur retorna à problemática da origem da diversidade dos idiomas, a catástrofe que teria provocado a dispersão e a confusão de línguas, buscando com isto compreender porque a tradução é possível quando se mostra teoricamente intraduzível.

A tradução existe, pois, como um ato de hospitalidade, e não como uma forma de resgatar a língua original antes do mito de Babel. Mas também surge como uma forma de burlar as convenções estipuladas após este advento. É o que sobrou, é a tarefa dos tradutores. Trazer para o idioma de uma comunidade o que há de novidade ou de interessante na comunidade alheia. Assim ao longo da história diversas pessoas conheceram Shakespeare, por exemplo, num idioma totalmente diverso da língua original desse escritor, e isso terá influenciado muitos escritores em diversas, por que não dizer, em todas as partes do planeta.

Posto a tradução como forma de apossar-se e compreender o meio de sobrevivência distinto do nosso, é a vez de interpretarmos o estrangeiro nas nossas narrativas, vistos pelo nosso prisma, nesse quiasma é que reside a pesquisa de Ricoeur. A narrativa, conforme salientamos é uma forma de interpretarmos o que se passa na vida, é através dela que compreendemos a nossa própria existência. Escrevemos, pois, aquilo que compreendemos. Compreender o estrangeiro significará, portanto, compreendê-lo, ainda que na sua estranheza, ainda que no prisma da busca do desconhecido. Mas o estrangeiro terá fantasiado a mente humana ao longo da história universal, quando buscamos compreender por que teriam os povos se espalhado por todas as partes do mundo e permanecido incontactáveis na maior parte do tempo da vida humana na terra. Por que terá existido o estrangeiro e por que a diversificação de idiomas, quando somos todos iguais, cada um na sua estranheza.

### **1 A tradução em Paul Ricoeur como um ato de hospitalidade**

A tradução é um ato de hospitalidade, segundo Paul Ricoeur *há, de facto, dois parceiros que o acto de traduzir relaciona*: “o estrangeiro – termo que abrange a obra, o autor, a sua língua – e o leitor a quem a obra traduzida se destina” (RICOEUR, 2005, 10.). O ato de traduzir significa servir a dois senhores. O autor na sua apropriação linguística

e o leitor na sua ânsia de conhecer aquilo que lhe é estrangeiro. Uma máxima bíblica converge para esse assunto, um homem não pode servir a dois senhores, há de agradar um e de desprezar o outro<sup>2</sup>. Seja por isso que o estudo da tradução se torna controverso.

A tradução ataca a língua materna nos seus meios identitários, é que cada verbo terá um significado distinto em um idioma, se torna intraduzível até certa medida. O leitor parte da pretensão à autossuficiência, da recusa da mediação do estrangeiro do texto que foi traduzido, e tais sentimentos de pretensão à hegemonia cultural pode ser encontrado ao longo da história universal. Através da narrativa o leitor conhece a vida, ou seja, é observando a vida na narrativa que compreendemos a própria vida vivida. Nesse caso a tradução pode ser vista como meio de compreensão do mundo alheio, do mundo do estrangeiro, que além de enaltecer o idioma que é traduzido, busca também a hegemonia cultural do idioma que recebe a tradução, da própria cultura em questão. A busca hegemônica é ambivalente porque quer forçar sua língua a encher-se de estranheza e forçar a outra língua a deportar-se para a língua materna (Cf. RICOEUR, 2005, 17). Por isso, e veremos posteriormente, que o ato de tradução também é uma forma de hospitalidade, daquilo que é estrangeiro. Também é uma forma de compreensão do meio de sobrevivência além do nosso. De entender aquilo que diz o outro em sua língua, mas em nossa língua.

A partir do ponto de vista em que a tradução é a forma de conhecer o meio identitário do estrangeiro, na literatura este indivíduo terá ocupado um lugar destacado. Isto já desde os primórdios, como é o caso das epopeias, que tratavam de guerras, ajuntando povos nas suas variadas diferenças e meios de convivências em prol de um só interesse, do qual o símbolo por excelência encontra-se na obra homérica. Na *Odisseia*, por exemplo, o herói principal em todo decurso da narrativa é um peregrino, e esta é uma obra cujo caráter fundou o conceito de *Ethos* para a literatura Ocidental. Esta obra é nada mais do que um tratado de hospitalidade, Odisseu terá encontrado nas terras longínquas diferentes formas de recepção ao homem estrangeiro, desde a triste hospedaria do ciclope Polifemo que devora alguns de seus homens durante o jantar; a triste recepção de Circe que transformou alguns de seus homens em porcos; o ledo engano na terra dos comedores de lótus cujo prazer fazia qualquer estrangeiro esquecer-se de sua pátria, de sua família e passar o resto de sua vida com os lotófagos

---

<sup>2</sup> Cito *São Mateus* 6:24.

comendo do lótus mais doce que o mel. Mas também encontra guarida, cujo ato mais sublime de hospitalidade partiu de Alcinoos, o rei dos feaces.

Paul Ricoeur parte do pressuposto em que a pluralidade e a heterogeneidade das línguas se dão pela existência de diferentes idiomas; descarta, contudo, a teoria darwiniana pela existência de diferentes línguas como meio de adaptação para sobrevivência humana tentando esclarecer porque existem milhares e não apenas uma língua (RICOEUR, 2005, 24). Ricoeur retorna ao mito de Babel, da dispersão na esfera geográfica e da confusão na esfera da comunicação. Seria, pois, a tradução uma tentativa não de resgatar o que havia antes da confusão e dispersão, mas de compreender o meio de sobrevivência que ao outro está imposto. Será por isso que a tradução é um ato de hospitalidade ao encher-se de estranheza para compreender o estranho, não raro, no plano global influenciamos e somos influenciados, obras primordiais da literatura universal influenciaram os povos e continuam a influenciar, como a *Bíblia* e os livros de Homero, e posteriormente de Shakespeare, de Dante e Cervantes, etc. Eles são a intrusão do estrangeiro em nós, porque ao cabo de tudo também somos estranhos em nós. Buscamos a compreensão do outro e o estabelecimento da nossa cultura na hegemonia universal como também absorvemos aquilo que nos apetece.

As diferenças geográficas e linguísticas são, sobretudo, paradigmas de grande interesse humano. Sabemos e entendemos que o homem terá surgido de alguma região e de lá se espalhado pela face da terra. As incursões científicas em sua maioria indicam para o surgimento da civilização no Cáucaso. Obviamente que se observarmos atentamente a geografia mundial, o Cáucaso e a Mesopotâmia ocupa um lugar estratégico das terras firmes, facilitando a disseminação humana para as demais regiões. Além de situarem-se entre as principais civilizações antigas, Ocidental e Oriental, uma vez que a América, a Oceania e o sul da África estiveram ao longo da história universal desconectada com o restante do mundo. Obviamente que esta diáspora facilitou a diferenciação da língua, porém paira uma pergunta no ar, que catástrofe ou que elemento teria forçado esse evento? Somente um caráter catastrófico poderia forçar a migração humana. Sabemos que ao longo da história universal o homem migrou quando a necessidade ajustava-o. Tal como os israelitas quando deixaram o Egito para irem a Canaã. Posteriormente espalharam-se pelo mundo pela ocasião da diáspora, voltando à Palestina quase dois milênios após. Os celtas surgiram no centro da Europa Ocidental e

posteriormente se espalharam pelo continente, mas em virtude da invasão dos romanos e anglo-saxões tiveram suas terras devastadas e acabaram preservando pouco de sua civilização em regiões das ilhas da Grã-Bretanha e Irlanda, e na região francesa da Bretanha. Muitos outros acontecimentos parecidos foram observados, tal como a povoação primitiva e obscura dos continentes americano e oceânico.

O mito de Babel, analisado por Ricoeur, do qual dá testemunho “demasiado breve e demasiado confuso na sua feitura literária, faz sonhar com mais uma suposta língua paradisíaca perdida” (RICOEUR, 2005, 25), e poderia dar-nos a explicação, que não seja real, mas plausível, embora controversa. Em verdade para compreendermos a hospitalidade é necessário compreendermos o surgimento do estrangeiro, se encontrarmos isto responderemos a questão. A problemática da tradução e da intraduzibilidade cujo fator recorrente encontra-se no mito de Babel não encerra a questão, pois a tradução existe logo se é possível, talvez não seja em toda a sua essência e na sua originalidade, mas no que chamaríamos de adaptação. Ou seja, adaptar para compreender o outro melhor possível.

O ato de adaptação é o imediato amoldamento daquilo que não pode ser idêntico, que não pode ser original. Isso se partirmos da premissa de que o original não pode ser representado por outro original. Chamamos adaptação porque os elementos semióticos de uma língua não são iguais, nem há o equivalente genuíno em outro idioma, sendo que a palavra que pode possuir aquele significado tenha outros distintos e intrínsecos tendo em vista a própria diacronia, acondicionando a evolução das palavras<sup>3</sup>. A adaptação pode ser considerada com o ato de reproduzir o original com os elementos semióticos disponíveis. Como já dissemos, a cinematografia se torna uma problemática para a adaptação de obras literárias por causa de elementos semióticos distintos, a tradução é muito antes observada desse prisma da fidelidade no conseguinte da transposição de um idioma para outro, cujas formas sintáticas, morfológicas e gramaticais em geral são distintas e divergentes.

Apesar das diferenças, da teórica e eminente intraduzibilidade, a tradução existe e por isso tem de ser possível. E se é possível há sob as diversidades da língua uma

---

<sup>3</sup> Ricoeur analisa esta problemática segundo o qual “quando se diz “bois”, em francês, reagrupa-se o material lenhoso e a idéia de uma pequena floresta; todavia numa outra língua, esses dois significados vão encontrar-se separados e reagrupados em dois sistemas semânticos diferentes” (Ricoeur, 2005, 29).

estrutura oculta que permite este advento, uma estrutura herdada de uma língua original, de uma língua matriz. A perdição desse idioma original é investigada ao longo da história, obviamente que o resgate é praticamente impossível, “apesar dos fratricídios, militamos pela fraternidade universal. Apesar da heterogeneidade dos idiomas, existem bilíngües, políglotas, intérpretes e tradutores” (RICOEUR, 2005, 34). Embora Ricoeur assinale a tradução como um ato de hospitalidade, e que o ato de conhecer o mundo alheio seja em si uma curiosidade benéfica. Reconhece também que a tradução terá sido um tanto quanto hostil, quando dela se apossaram para conhecer o outro com a intenção de destruí-lo. Mas a Ricoeur interessa muito mais a hospitalidade do que a hostilidade que a tradução pode trazer. É que a hostilidade presente na tradução é uma forma de hospitalidade que ele denomina de “hospitalidade lingüística” (RICOEUR, 2005, 43).

É ela que serve de modelo a outras formas de hospitalidade que, na minha opinião, se lhe assemelham: as confissões, as religiões, não serão como que línguas estranhas umas às outras, com seu léxico, a sua gramática, a sua retórica, a sua estilística, que se tem de aprender para compreender? E a hospitalidade eucarística não deverá ser assumida com os mesmos riscos de tradução-traição, mas também com a mesma renúncia de tradução perfeita? Fico-me por estas analogias arriscadas e por estes pontos de interrogação... (RICOEUR, 2005, 43-44)

Desconsiderando as interrogações sobre a hospitalidade eucarística de Ricoeur, “é sempre possível dizer a mesma coisa de outra forma” (RICOEUR, 2005, 46), a partir desta concepção é que obtemos a tradução, ou seja, uma adaptação dos elementos semióticos disponíveis. Com todos os limites a tradução sempre existiu:

Sempre se traduziu: sempre houve mercadores, viajantes, embaixadores, espíões, para satisfazerem a necessidade de expandir os intercâmbios humanos para lá da comunidade lingüística que é uma das componentes essenciais da coesão social e da identidade do grupo. (RICOEUR, 2005, 58)

Esta afirmação traz em si o reconhecimento da hospitalidade. Traduzir para entrar em contato com uma comunidade distinta, para expansão de comércios, entre muitos outros interesses comunitários. Sendo a tradução o primeiro ato simbólico da hospitalidade, é a partir dela que todos os demais atos se fundam, não é possível que duas nações distintas entrem em acordos diplomáticos sem que haja esta interação,

principalmente quando se trata de comunidades linguisticamente diferentes. Os homens de uma comunidade sempre souberam que havia estrangeiros com outros costumes e outras línguas. O estrangeiro sempre foi inquietante, a existência de um povo com outras maneiras de viver. A carta de Pero Vaz de Caminha na ocasião do 'descobrimento' do Brasil é uma prova do deslumbramento diante de uma cultura totalmente diversa. Os americanos vivendo numa terra inóspita tinham costumes tão diferentes dos europeus cuja estranheza não se pode igualar àquelas que existiam entre os povos europeus. Os europeus já possuíam muitas coisas em comum. Suas crenças e religiões embora distintas, por exemplo, já eram conhecidas, uns pelos outros, ao contrário dos indígenas cujo contato era o primeiro que se encerrava<sup>4</sup>.

Mas voltemos à tradução. Tradução para quê? Para mediação para o lado estrangeiro da vida. Reconhecimento e aproveitamento daquilo que nos é diverso, nesse caso, se não somos bilíngues, nem políglotas, podemos conhecer uma narrativa estrangeira em nossa própria língua, isso é já muito importante. Veremos adiante que além de traduzirmos para compreendermos o estrangeiro e daí torna a tradução um ato de hospitalidade, o homem utilizou a narrativa como mediação para o lado estrangeiro da vida, ou seja, a representação do estrangeiro na narrativa é um ato de tentativa de compreensão, ao mesmo instante que é uma hospitalidade, descrevemos por que compreendemos, se compreendemos logo porque nos é familiar, e não será demasiado afirmar que o estrangeiro nos é familiar, uma vez que somos estrangeiros em nós mesmos, e para não prendermos nos nossos próprios livros, nos nossos próprios monólogos é que traduzimos, é que descrevemos o estrangeiro.

## **2 A narração como mediação do lado estrangeiro da vida**

### **2.1 A narrativa para Ricoeur**

Para compreendermos a narrativa como uma mediação do lado estrangeiro da vida devemos considerar que o tempo e a narrativa, distintamente se encaixam para a

---

<sup>4</sup> Para Todorov o encontro entre europeus e americanos, nomeadamente aquele de Cristóvão Colombo, foi o encontro mais espantoso entre civilizações na história universal. Todorov, 1990, 13-14.

formação de uma narração. Segundo Wood (1991, 1), todas as coisas e experiências existem dentro de um tempo, a narrativa é pois o registro de um tempo, uma ação do tempo que visa conservá-lo. Afirma ainda Wood que Time and Narrative (grifo nosso) “is structured around a hypothesis – which in mock-Heideggerean idiom Ricoeur sums up a tone point as the claim that narrative is the guardian of time” (WOOD, 1991, 3).

Desde os primórdios da história universal o homem procurou registrar os acontecimentos. Primeiramente através de desenhos rupestres, instrumento do homem primitivo, surgiu como uma necessidade de registro do tempo. Posteriormente com o surgimento da escrita, os signos linguísticos passaram a substituir os desenhos das cavernas. De fato, a narrativa não teve o seu surgimento junto com a escrita, mas muito antes as narrativas já existiam na forma oral. Disto podemos destacar os *aedos* da Grécia antiga, responsáveis por preservarem as histórias de seu país. Com o surgimento da escrita, a narrativa adquiriu uma nossa essência, porque a escrita conserva muito melhor o enredo do que a narrativa oral.

Uma preocupação central da narratologia é a construção de uma identidade narrativa, seja em nível de história, identidade e nação, e mesmo em nível de vida individual. Essa consideração é baseada numa substância, na continuidade corporal e sobre a memória; mas seu objetivo é marcar uma identidade, preservar uma história, um momento, uma civilização. Este momento, esta marca, trata-se de uma experiência anterior que é trazida para a linguagem.

Para interpretar a narrativa, Ricoeur busca compreender a ligação entre tempo e narrativa; para Agostinho era uma discordância concordante, já para Aristóteles uma concordância discordante, a alternativa destes autores tem dupla justificativa, de um lado os paradoxos do tempo e do outro a organização inteligível da narrativa.

Para Santo Agostinho esta perspectiva levanta questões sobre o que acontece se a realidade for inversa? Ou seja, ao invés de vivermos dentro do tempo, for ele o nosso hóspede. Hóspede de nossas consciências. Além disso, se o tempo fosse produto de nossas consciências, criação de nossas mentes; e se chegamos a esta conclusão, resta nos uma indagação: o tempo existe objetivamente? Santo Agostinho desconhecia, pelo menos filosoficamente, a existência de um tempo objetivo. Seu argumento desconhecia a existência objetiva de um passado e de um futuro, visto que aquilo que é pretérito, logo já não é. Quanto ao futuro, este ainda não veio, logo também não é. O presente para



Santo Agostinho só pode ser reconhecido quando é confrontado com os outros dois tempos. Logo o presente agindo como mediação entre futuro e passado. Porém, sua existência é condicionada a estes, a causa de sua existência é a mesma pela qual deixará de existir. A seguir o que era futuro veio a ser presente e imediatamente será passado, logo, também não é em si mesmo. É por esta causa que Santo Agostinho desconhece a existência dos tempos na sua objetividade.

As *Confissões* de Santo Agostinho e a *Poética* de Aristóteles pertencem a universos culturais profundamente diferentes, separados por séculos e por problemáticas que não se sobrepõem. Santo Agostinho trata da natureza do tempo filosoficamente, sem analisar a estrutura narrativa da autobiografia espiritual desenvolvida nos nove primeiros livros de *Confissões*. Já Aristóteles analisa do ponto de vista uma intriga dramática, sem considerações pelas implicações temporais, deixando o tempo de acordo com a psique de quem desenvolve a narração; e por isso define Wood:

Now in my judgement, the true master here is Ricoeur himself, who, after the fact, has recast the plot of time and narrative as a confession, in which the presumption of synthesizing thought is confronted by a power that exceeds it. (WOOD, 1991, 5)

Na realidade o que Ricoeur fez foi retomar as teorias desenvolvidas nas *Confissões* e na *Poética* e reformulá-las e a partir de uma mesma perspectiva em que a trama do tempo e da narrativa surge como uma confissão, em que a presunção de sintetizar o pensamento é confrontada por um poder que o exceda. Em poucas palavras, portanto, a narrativa é a arte de sintetizar o tempo. Se ainda observarmos a teoria da linearidade dos signos linguísticos desenvolvidos por Saussure, chegamos à conclusão de que na composição grafêmica interpõe como poder absoluto impossibilitando a transposição real do tempo. Dessa forma, torna-se impossível a descrição simultânea de todos os acontecimentos, mesmo se isso fosse possível dentro de um ambiente distinto já não seria a descrição real, pelo incógnito daquilo que condiciona aquele ambiente, ou seja, o mundo no seu conjunto. “In other words, narrative selects from but does not exhaust the power of language to resolve the aporias of time. Its particular forte is synthesis” (WOOD, 1991, 6). Ciente, Ricoeur lembrou que Aristóteles era quem havia pensado a trama como *mimeses* da ação. A *Poética* aristotélica permite uma reconfiguração narrativa da ação, Ricoeur tenta aproveitar dessa análise as

extremidades especulativas e eventualmente práticas. Já a questão do tempo em Santo Agostinho é fundamental para o conhecimento filosófico e hermenêutico da desconstrução real temporal para composição do tempo psicológico; ou tempo narrativo, como diria muitos estudiosos da literatura (WOOD, 1991, 8).

A discussão de Wood retoma a problemática da aporia do tempo (Cf. WOOD, 1991, 8). Ricoeur introduziu uma discussão em que a narrativa poética funciona como um antídoto à multiplicação das aporias em uma fenomenologia pura do tempo privada destes recursos da síntese linguística. Em tese é inevitável o retorno da aporia, que Ricoeur não formulou, mas que não é demasiado difícil de erigir na evidência do seu trabalho. De início, deve-se avaliar que não existe em Santo Agostinho uma fenomenologia pura do tempo, haja vista que também não terá existido antes dele. Assim a teoria do tempo é inseparável da operação argumentativa, a solução psicológica atribuída a Santo Agostinho não pode ser uma psicologia que permite isolar-se da retórica do argumento, nem mesmo uma solução que pode sustentar definitivamente no regime aporético.

A narratologia conforme explicitamos é o processo de conservação de um tempo, embora não na sua totalidade, mas na sua essência, porque o utiliza, e tudo de acordo com a sua psique; podendo, aliás, devendo desconsiderar a real linearidade temporal, sobre as considerações de identidade e narrativa. Ricoeur contemporiza uma das consequências da aproximação entre tempo e a narrativa elevando hipóteses interrogativas e filosóficas: em que a identidade pessoal, e a narrativa histórica e a ficção, embora pareçam exigir um tratamento distinto, convergem-se. Ricoeur distingue dois diferentes tipos de identidade: “sameness and selfhood” (WOOD, 1991, 18) «identidade e individualidade». A identidade é exposta pela narrativa, independente do resultado da identidade pessoal e da confusão entre os dois tipos analisados por Ricoeur. Para Wood é a identidade narrativa quem oferece uma solução. Vejamos, pois, o nosso interesse é o estudo apenas das obras ficcionais e o caráter da ficção como mediação do lado estrangeiro da vida. Todo indivíduo traz em si uma identidade e nas somatórias, ora somos hospedeiros, ora somos estrangeiros. A questão de ser hóspede ou forasteiro depende do ciclo que estamos envolvidos, do meio identitário que estamos todo ser em si é distinto. A identidade é uma contradição desde de o ponto em que o

tempo tornou para Santo Agostinho, é por isso que a identidade e a individualidade são características da narrativa.

## 2.2 A questão da vida e do seu lado estrangeiro na narrativa

Sabemos que a vida se repete na narrativa, e que a história da vida se caracteriza num intervalo existente entre a vida e a morte. Ricoeur parte do ponto da crítica de que as histórias são recontadas e não vividas; e a vida é vivida e espera ser recontada (RICOEUR, 1991, 20). Logo podemos compreender este intervalo entre vida e morte como a vida vivida, a crítica de Ricoeur trata da relação entre a vida vivida e a narrativa, ao que ele chama atenção em primeira instância ao ato de narrar-se. Segundo Ricoeur a teoria da narrativa é uma discussão muito recente desenvolvida pelos formalistas russos e tchecos nos anos vinte e trinta e pelos estruturalistas franceses nos anos sessenta e setenta do século anterior. Porém a teoria da narrativa já estava reconhecida na *Poética* aristotélica, mas sua análise não é suficientemente oficial e universal para as transposições modernas. Aristóteles escreveu sobre a teoria da narrativa a partir de três gêneros literários: épica, tragédia e comédia (Cf. RICOEUR, 1991, 20). A hermenêutica ricoeuriana baseia-se no conceito aristotélico da mediação da *práxis*, a narratologia linguística é importante para perceber no texto, mas não conta a vida vivida. Dessa forma Ricoeur constitui a sua hermenêutica a partir dos conceitos linguísticos dos estruturalistas franceses e dos formalistas russos e tchecos e da teoria da narrativa desenvolvida por Aristóteles. No que se refere ao caráter da narrativa como mediação do lado estrangeiro, creio que os três gêneros narrativos estudados por Aristóteles nos dão um embasamento para compreender como ele se configurava nas narrativas clássicas, a exemplo de outras tantas obras, a *Odisseia*, por exemplo, trabalha muito a questão da hospitalidade e do estrangeiro.

Ricoeur retoma da *Poética* de Aristóteles a concepção central da *emplotment*. Para os gregos a *muthos* significa *fable and plot* «fábula e trama», “fable in the sense of an imaginary story” (RICOEUR, 1991, 21), isto é, a fábula é uma história imaginária que se soma à trama que é um pensamento bem construído, “plot in the sense of a well constructed story” (RICOEUR, 1991, 21). Do ponto de vista ricoeriano o *muthos* é o caráter central de uma narrativa, logo o *emplotment* é a síntese heterogênea elementar,

daqui extraímos que toda narrativa, seja ela ficcional ou não, é baseada no mundo real, toda fábula ou trama é tirada da realidade. A narrativa surge como interesse de preservar a vida, esta por seu fim está fadada a um fenecimento natural, mas a narrativa fá-lo permanecer por mais tempo. Para compreender o caráter do *muthos* devemos analisar o que é a *fable* e a *plot*. O ato de criar uma intriga, urdir, passar a trama entre os fios da urdidura é contar uma história com caráter do mundo real, ou seja, partindo do ponto do estudo da *ecfrasis* cuja afirmativa diz que todo texto literário é uma cópia do mundo real, embora seja ficção, é na realidade aquilo que se baseia. A *emplotment* equivale à análise daquilo que significa a trama para a narrativa. Para Ricoeur a trama em sua totalidade é um desacordo concordante (Cf. RICOEUR, 1991, 21). A *emplotment*, portanto é uma síntese do heterogêneo que caracteriza a temporalidade de todas as composições narrativas, neste sentido, compor uma história, do ponto de vista temporal, é extrair de uma configuração fora de uma sucessão.

Resta-nos agora uma problemática, se Ricoeur distingue a história como recontada e a vida como vivida (RICOEUR, 1991, 25), qual a relação entre a narrativa e a vida? Em partes esta interrogação está respondida no decorrer desta análise, a questão da *ecfrasis* por si já nos complementa em grande parte. Desde os primórdios da escritura, o texto escrito é visto como uma expressão da vida humana. Jaerger nos estudos sobre a *Paidéia* grega elucida a importância que o texto tinha na vida dos helenos. No tocante a relação do texto escrito com a vida, Ricoeur conclui que embora as histórias sejam recontadas e não vividas elas são igualmente vividas na modalidade do imaginário (RICOEUR, 1991, 27). Por isso que ela ganha importância para compreensão do mundo real, por ser a síntese deste mundo. Logo ser a síntese não equivale a ser igual, uma vez que se fosse igual não seria síntese, mas equivale em reunir elementos diferentes, concretos ou abstratos, e fundi-los num todo coerente, abarcando o todo pelos seus componentes para chegar aos efeitos pelas causas. Estes elementos inferem sobre um conhecimento sobre um tema, domínio ou uma visão concisa.

Aristóteles apresentava a narrativa como “mimeses praxeos” (RICOEUR, 1991, 28), ou seja, imitação da ação. A questão da hospitalidade como história inventada é uma prática mimética, seja como meios éticos de condutas ou do próprio infortúnio. Se analisarmos pelo ponto de vista em que ninguém se torna estrangeiro por bel prazer, a peregrinação requer sacrifícios tais como o de estar distante da pátria, dos amigos, da

família, bem como do seu meio comum. Ela requer mudanças nos hábitos, uma vez que estrangeiro é sempre estrangeiro. A qualidade do que é hospitaleiro, embora generosa por vezes se torna agressiva, sob o prisma dos costumes e da própria hostilidade ao que vem de fora. Qualquer comunidade reage ao estranho, seja para absorver os costumes ou reprimir a influência deste, ou mesmo pela curiosidade daquilo que o é alheio. A questão do estrangeiro torna-se, portanto, uma problemática de interesse para narrativa por causa de sua importância como peripécia para construção de uma intriga. Ser estrangeiro ou hóspede tem uma notoriedade porque em si é uma peripécia de relevância narrativa.

Nesse caso, conforme Ricoeur afirma, a ficção está fixada apenas na vida e que a vida só pode ser compreendida com histórias recontadas sobre ela, ou seja, exame da vida, nesse caso de acordo com Sócrates é uma vida recontada (Cf. RICOEUR, 1991, 31). Daí a questão da intriga do lado estrangeiro da vida ser apenas um motivo de compreensão do que é ser estrangeiro, só compreendemos a problemática do que é ser estrangeiro tendo histórias recontadas de como é viver sob esta condição, a subjetividade do texto literário como instrumento de auto-compreensão.

### **Considerações finais**

Enfim, compreendemos que a narrativa surge como uma necessidade de preservação do homem histórico. Através dela que conhecemos os pensamentos, as crenças, as convenções e interesses de uma sociedade, numa determinada época. Nela compreendemos ao longo dos tempos a própria essência do existir do homem. Por isso terá Ricoeur ligado a narrativa ao tempo, veremos que cada época, cada povo, tem um estilo e que muda periodicamente. A morte torna-se o elemento fundamental para a propagação da narrativa. Porque esta preserva a mente, o pensar do homem, as convenções de uma época. O homem não quer morrer, e na tentativa de preservar a vida burla a natureza, cria a sua própria história, se não tem os destinos em suas mãos, os terá na narrativa.

Alfim, o homem sempre traduziu porque sempre houve necessidade. A hospitalidade surge como obrigação, pois nenhum povo conseguiu ao longo da história universal fechar-se diante do restante do mundo. Inclusive as comunidades linguísticas

na América, África e Oceania desconectadas da Europa, Ásia e norte da África, mantinham contatos com comunidades linguísticas teoricamente parecidas. Além de traduzir, o homem na sua estranheza procurou demonstrar conhecer o estrangeiro e por isso o representou na literatura. O próprio ato de delinear o estrangeiro é um símbolo de hospitalidade. Por outro lado, é óbvio que o homem nunca compreenderá o pensamento do estrangeiro, e por mais que tente, terá sempre interrogações a este respeito. O homem não terá compreendido a si próprio, tal como exclamaria Otelo após assassinar sua esposa: *A obra de Otelo já não tem sentido*. Pois, nos monólogos finais da obra, o protagonista reconhece que não sabia daquilo que era capaz, a célebre frase de Sócrates: *Conhece-te a ti mesmo*, encerra os sentidos da locução de Otelo. Mas, será também o conhecimento do estrangeiro uma maneira de conhecer-se a si próprio, porque assim como hospedamos o estrangeiro, também podemos inverter o papel e tornarmo-nos hóspedes. Ao cabo e ao fim, somos estranhos em nós mesmos, e a narrativa é uma tentativa de compreendermos aquilo que somos.

## Referências

JAEGER, Werner, *Paidéia: A formação do homem grego*. Trad. Artur M. Parreira. São Paulo: Martins Fontes, 1995, p. 23-36.

RICOEUR, Paul. Life in quest of narrative. In: RICOEUR, Paul. *Narrative and interpretation*. Londres: Editora David Wood, 1991, p. 20-33.

\_\_\_\_\_. *Sobre a Tradução*. Trad. de Maria Jorge Vilar de Figueiredo. Lisboa: Cotovia, 2005.

TODOROV, Tzvetan. *A conquista da América: a questão do outro*. Trad. Maria Isabel Braga. Lisboa: Litoral Edições, 1990.

WOOD, David. Introduction: interpreting narrative. In: RICOEUR, Paul. *Narrative and interpretation*. Londres: Editora David Wood, 1991, p. 1-19.

Recebido em junho de 2014.

Aceito em novembro de 2014.